

Sisal : Exportações em queda.

As exportações brasileiras do complexo sisal no primeiro semestre de 2016 foram de 31,8 mil toneladas e totalizaram US\$ 53,6 milhões de dólares. Tal volume é inferior em 9,5% ao quantitativo exportado em igual período em 2015 (quadro 1). E é o menor dos últimos cinco anos. Em termos de valores a redução foi ainda maior: 20% em relação a 2015.

As exportações de fibra beneficiada, teve resultado equivalente ao do ano passado, em termos de volumes. Foram 17,4 mil t exportadas no primeiro semestre de 2016, contra 17,5 mil t em igual período de 2015. Em termos de valor FOB, porém, as receitas foram de US\$ 24 milhões, contra US\$ 27,2 em igual período do ano passado. Uma redução de cerca de 12%, em consonância com a redução verificada no valor FOB por tonelada, que caiu de US\$ 1.553,79 tonelada para US\$ 1.382,94, nos citados períodos.

Nas exportações de “cordas, cordéis e cordão”, grupo onde são classificados os “baler twine”, observa-se uma queda de 42% em volumes (5,2 mil toneladas no primeiro semestre de 2016, contra 14 mil toneladas em igual período de 2015). E os preços FOB tonelada caíram de US\$ 2.206,43 t para US\$ 1.983,44 t – uma redução de 10%..

Nas exportações de fios observou-se melhoras em termos totais de quantitativos (5,2 mil t, contra 3,5 mil t) e de receita (US\$ 10 milhões, contra US\$ 7,7 milhões). Todavia, o valor por tonelada caiu de US\$ 2.221,26 t para US\$ 1.959,08 t.

Quadro 1 – Exportações Brasileiras de Sisal

NCM	acumulado jan./jun.2015			acumulado jan./jun.2016			VARIÇÕES PERCENTUAIS		
	US\$	kg	US\$ T	US\$	kg	US\$ T	US\$	kg	US\$ T
FIBRA									
5305.00.90	27.241.252	17.532.153	1.553,79	24.035.417	17.379.929	1.382,94	-11,8%	-0,9%	-11,0%
FIOS									
5308.90.00	7.760.193	3.493.607	2.221,26	10.182.109	5.197.406	1.959,08	31,2%	48,8%	-11,8%
CCC									
30.870.643	30.870.643	13.991.210	2.206,43	17.883.125	9.016.198	1.983,44	-42,1%	-35,6%	-10,1%
5607.21.00	28.687.687	13.062.795	2.196,14	16.528.615	8.416.040	1.963,94	-42,4%	-35,6%	-10,6%
5607.29.00	2.182.956	928.415	2.351,27	1.354.510	600.158	2.256,92	-38,0%	-35,4%	-4,0%
TAPETES									
906.808	906.808	159.347	5.690,78	1.164.976	240.052	4.853,02	28,5%	50,6%	-14,7%
5701.90.00	25.610	754	33.965,52	95.570	11.687	8.177,46	273,2%	1450,0%	-75,9%
5705.00.00	881.198	158.593	5.556,35	1.069.406	228.365	4.682,88	21,4%	44,0%	-15,7%
	66.778.896	35.176.317	1.898,40	53.265.627	31.833.585	1.673,25	-20,2%	-9,5%	-11,9%

Fonte: MDIC/Aliceweb (19/07/2016) - Elaboração: Conab

Com base na sazonalidade observada nos últimos dez anos, pode-se inferir que as exportações brasileiras de sisal em 2016 serão entre 53 mil t e 60 mil t, isto se as exportações de fibras surpreenderem positivamente como fez no segundo semestre de 2015. Tais estimativas indicam, pois, exportações de 20% a 10% inferiores as observadas no ano passado.

A produção brasileira de sisal em 2016 será inferior à de 2015.

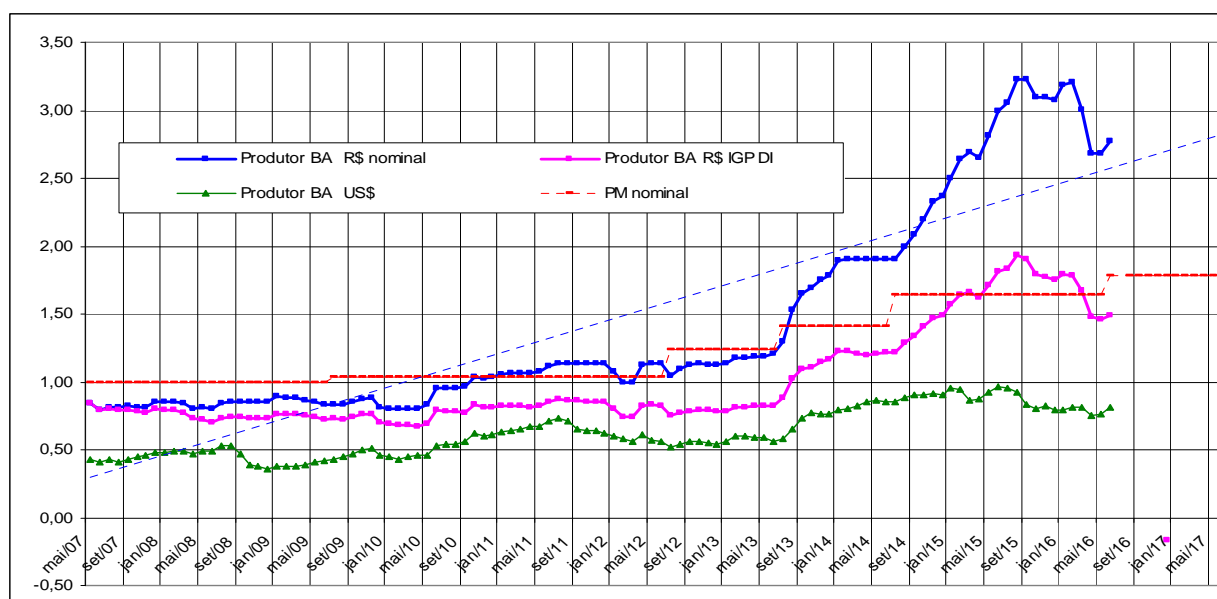
Estima-se que 80% da produção brasileira de sisal destinam-se ao mercado externo. Assim, uma queda nas exportações do primeiro semestre e no ano, sinalizam também queda na produção brasileira.

A se confirmar citadas estatísticas e projeções, pode-se inferir que, no ponto médio do recuo estimado nas exportações (15%), a produção brasileira de sisal de 2016 poderá ser inferior as 80 mil toneladas observadas nos dois últimos anos e se aproximará das menores produções anuais da história da cultura, observadas em 2012 e 2013, quando muito se falou na sucumbência da cadeia.

Preços ao produtor param de cair.

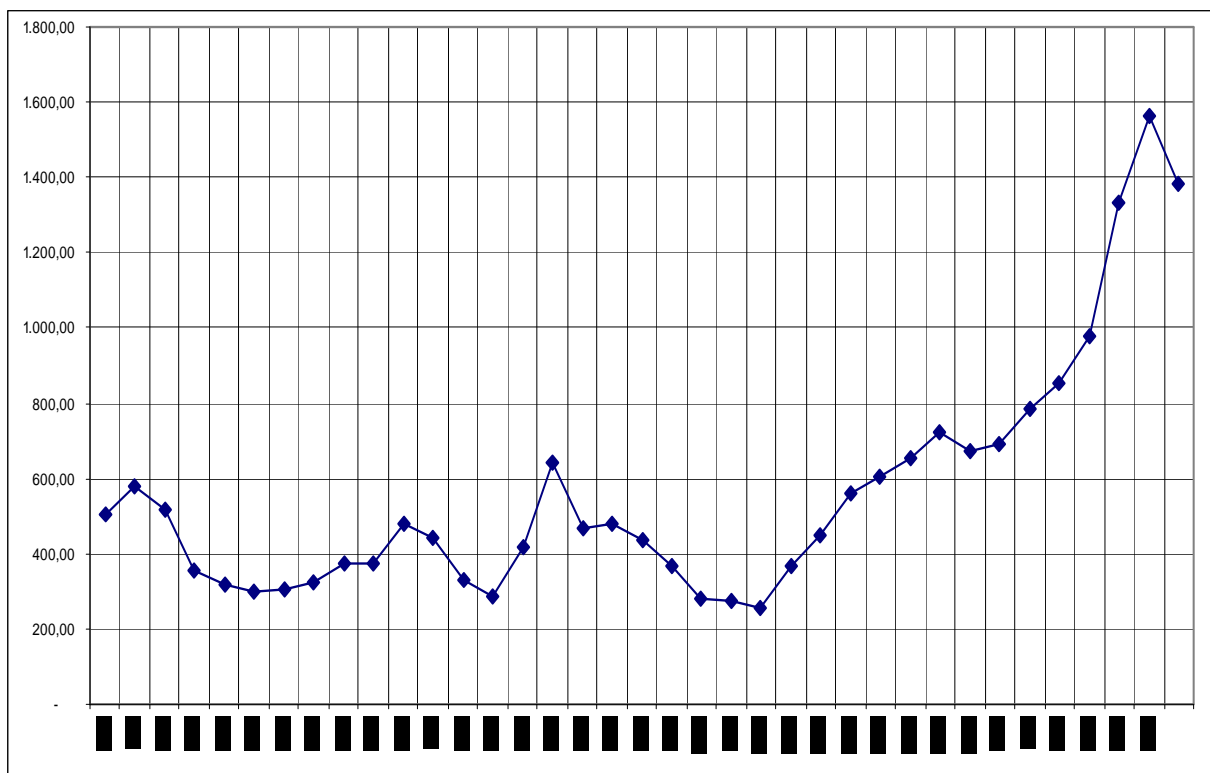
Os preços recebidos pelos produtores de sisal tiveram forte retração neste primeiro semestre de 2016. Caíram de um patamar de R\$ 3,20 kg, em janeiro e fevereiro, para R\$ 2,70 kg em maio/16. Um recuo de cerca de 20%, depois de preços ascendentes desde julho de 2012, como pode ser observado no Gráfico 1. Aludida queda está a baixa nas cotações dos subprodutos do complexo, observada em 2016, como pode ser observada nos Gráficos 2 e 4.

Gráfico 1 – Sisal – Preços Internos



Fonte: Conab/Siagro

Gráfico 2 - Sisal – Fibra Beneficiada - Valor FOB US\$ t (1980 – 2016)



Fonte: MDIC/Alice – Elaboração: Conab

Após a queda abrupta de 16% no início de 2016, quando recuou de R\$ 3,20 kg - jan/16 para R\$ 2,70 kg - mai/16, os preços pagos aos produtores estabilizaram em abril e maio e em julho tiveram alta de 3%, passando para R\$ 2,80 kg. Segundo fontes de mercado, deverá seguir estável, face a incrementos em pedidos de exportação e estabilidade nos preços FOB.

Preço Mínimo Reajustado

Esta conjuntura de baixa nos preços internacionais e nacionais inquietou os produtores que, patrocinados pela Associação dos Produtores de Sisal da Bahia e pela Prefeitura de Conceição do Coité BA, promoveram reunião no Centro Cultural daquela cidade, conhecida como nova “capital do sisal”, em 28 de abril de 2016. e manifestaram que “o preço mínimo seria a medida mais importante para a cadeia neste momento”, pois estava sem correção deste 2014 e aquém dos custos mínimos/variáveis de produção.

Em carta dirigida a Conab registraram que “o preço mínimo é o parâmetro de fixação do preço pago ao produtor e é utilizado pelos exportadores em suas negociações com os importadores”. Neste sentido e na oportunidade, a Conab elaborou e encaminhou ao Mapa proposta de preço mínimo para a safra 2016/2016 sugerindo seu reajuste, com base nos estudos técnicos dos custos variáveis de produção.

Através da Portaria 123 de 05 de julho de 2016, o Mapa, com base na deliberação e parâmetros do CMN, fixou o novo mínimo para o sisal, safra 2016/2017. com correção em 5,4%, passando-o de R\$ 1,64 kg para R\$ 1,73 kg.

Elevada importância socioeconômica – ambiental e geopolítica.

O sisal é de alta relevância socioeconômica e ambiental para os cerca de 140 municípios que compõem o Território do Sisal, no seminário baiano principalmente, região tida como a mais pobre do Estado (IDH médio de 0,589), e que tem no sisal uma das únicas culturas possíveis, que é a maior geradora de empregos e renda para os cerca de 35 mil produtores diretos (agricultores familiares); três mil “motores” e 60 “batedeiras”, e dezena de Indústrias de beneficiamento, comercialização e exportação, onde se estima que 1/3 (400 a 500 mil pessoas) dos habitantes vivam em função da produção e da extração do sisal.

Como o Brasil é o maior produtor e exportador mundial do sisal, tem-se também que contextualizar a cultura e a cadeia do sisal dentro de uma visão de geopolítica, além da citada importância socioeconômica e ambiental acima relatada.

Novo Arranjo Produtivo Local

É consensual entre os agentes da cadeia que a cultura precisa de um novo arranjo produtivo local para sua sustentabilidade, visando o aproveitamento total da planta (atualmente, somente 4% é aproveitado). Para que isto ocorra, é condição *sine qua nom* a implantação de Unidades de Processamento que possibilite escala para o aproveitamento dos subprodutos (mucilagem, bucha, resíduos, suco etc) em escala industrial, gerando novas rendas adicionais para todos da cadeia.

Para tanto, é necessária uma inovadora máquina desfibradora que traga escala de produção, melhoria de produtividade e qualidade. Neste sentido, os agentes da cadeia, em 2013, através da Câmara de Fibras Naturais da Bahia /Sub Câmara do Sisal, da Secretaria de Agricultura da BA e da Conab, se mobilizaram e foi firmado convênio entre a Secretaria de Ciência e Tecnologia da Bahia - SCTI e o SENAI/CEMATEC para o seu desenvolvimento, a partir de protótipos já existentes na Fazenda Caramuru da COSIBRA em Santa Luz BA e na Fazenda da Sisaleira Salgadalia BA.

Todavia, após três anos, estima-se que já foram gastos cerca de R\$ 1,2 milhão mas os testes do protótipo não são satisfatórios e será necessário mais tempo e recursos. Urge, pois necessário a aglutinação dos agentes da cadeia visando definições com relação a citada máquina e a retomada/implementação do PROSISAL elaborado pela Câmara de Fibras Naturais da Bahia / Sub Câmara do Sisal, da Secretaria de Agricultura da BA em 2014 e que precisa sair do papel para a sustentabilidade da cadeia do ouro verde do sertão brasileiro, o sisal.

Ivo Naves - Superintendência de Gestão de Oferta – Sugof/Gefip